

Estado de Minas. Belo Horiz. 12.12.1988

# Mário Brant, 163 intelectual

Sobre o sr. Mário Brant, que morreu aos 92 anos, vemos postos em relêvo os predicados do homem público, no necrológio dos jornais. Tudo certo, com as indicações próprias: foi de fato, um dos destacados homens públicos do país, pela lucidez e pelas virtudes.

E também patriota combativo, que deu o que podia para melhorar os nossos costumes políticos. Tudo isso tem sido corretamente escrito. Passam, porém, de revoada sobre o que Mário Brant era fundamentalmente: o homem de letras, o jornalista, o escritor, o humanista, o erudito. E era exatamente porque o intelectual estava alicerçado nas fortes bases de uma inteligência fora do comum e da cultura solidificada, que se destacaria o homem público.

A dilatação do conhecimento do mineiro Mário Brant se deu pelo que escrevia o jornalista. Na imprensa foi que se operou a revelação. Já fôra assim em S. Paulo. Depois, sua pena chamava atenção na "A Noite" do Rio, ao ser fundada por Irineu Marinho. No "Imparcial", igualmente brilhou o articulista, o doutrinador vigoroso. Além do que o leitor sabia que era dele, seu talento se distribuía por outras colunas, ignoradamente.

Havia, porém, um sinal que o identificava para o público: o seu palmo de crônica, ao pé de coluna da primeira página, com um R. como assinatura. Lá estava o seu "humour". O humorista não dá pilhéria barata, da anedota. O "humour" que fazia sorrir, pensar e refletir. Era o comentarista de tudo, pela faceta humorística, que não deturpava o fato, mas mostrava nela aspecto pitoresco. O leitor comum lia-o, porque o achava engraçado, os cultos porque sentiam a agu-

deza de um espírito crítico singularíssimo. O "R" da "A Noite" ficou tão famoso como os nomes dos maiores homens de imprensa do tempo. Fora do seu palmo de coluna do vespertino, também usava o pseudônimo R. Manso. Foi o jornalismo a chave que lhe abriu o caminho, pois, da admiração geral pela inteligência do homem que conquistava o público escrevendo, à compreensão de que a administração e a política deveriam aproveitar tão notável talento foi questão de pouco tempo. Mário Brant, vertendo conhecimentos sobre assuntos graves de finanças e economia em livros, não é menor, absolutamente não é, do que o Mário Brant da Literatura, o escritor de "Viagem à Argentina" e do jornalista de imensa produção na imprensa carioca, em linguagem escorreta e comunicativa. A nossa Capital beneficiou-se também diretamente de seu "elan" espiritual, quando aqui fundou em 1922 um grande jornal com o nome "Estado de Minas".

Até aquela época, foi o maior jornal aparecido em Belo Horizonte. E funcionava na mesma rua Goiás e no mesmo local em que hoje está o "Estado de Minas". O jornal de Mário Brant marcou fase brilhante da imprensa mineira, pelo acatamento a suas opiniões. Mário Brant era o doutrinador, o guia. Nesse jornal, o presidente Raul Soares o foi buscar para fazê-lo seu secretário das Finanças.

Afinal de contas, não é possível esquecer que, além de homem público que deu muito ao Brasil, Mário Brant foi dos intelectuais que mais prestigiaram as nossas letras no livro e no jornal com as criações da sua inteligência.

OSÉ CLEMENTE

# VULTOS FLUMINENSES

SANTOS LEVI

Luta Democrática. Rio, 16. 6. 1968

## Poucas palavras — muita poesia

Quem se dispõe, como fazemos, faz mais de um ano, a apresentar VULTOS FLUMINENSES, às vezes re-encontra à beira de grandes dificuldades ao coligir os dados biográficos e bibliográficos dos autores. Assim temos que apresentar, hoje, belíssimas jóias da literatura fluminense atual, apenas com os seus autores.

AMELIA TOMÁS, professora e jornalista publicou "Rosa de Jericó", "Fonte de Aroma" e "Jardim Fechado". Cantagalense de quatro costados assim vê a luz de sua terra.

JACI PACHECO, cujo nome completo Jaci de Freitas Pacheco, nascido em Monerá, no Município de Duas Barras, em 27 de novembro de 1910, filho de Gastão Meireles Pacheco e Julieta Galo de Freitas Pacheco, fez o ginásio no Colégio Diocesano de Campos. Vive em Niterói, aposentado pelo INPS. Suas obras são "Planície. (1939), "Bancário" (romance — 1943) "Noel Rosa e Sua Vida" (1955), "O Cantor de Vela" (1958). "Éramos Dois" (poemas — 1961) e um livro inédito de antologia, história e literatura, da velha província — "Paisagem Fluminense".

Primo do famoso compositor popular, Noel Rosa, como vimos na bibliografia, por duas vezes, traçou o seu perfil. Teve o 1.º lugar, no Concurso II Semana de Icarai, com o soneto "Louvação à Icarai". Eis sua quadra:

Em ti vejo ancorar o meu lirismo,  
Na manhã polvorêmica e bizarra  
Destudada o teu corpo de ouro e abismo,  
Excitando meu canto de cigarra.

A. E. SCISINIO, ou seja Alaôr Eduardo Manoel Scisínio nascido em Itaocara nos brinda com o soneto "Ao Lavrador", do qual extraímos esta quadra:

Deitas no solo os ramos e as sementes  
Cheto de fé e de esperanças farto,  
Para depois pôr os teus olhos ruentes  
Nas paredes furadas de teu quarto

DULCE DE MELO MONTE-MÓR — que é de Vassouras, relembra nos versos nostálgicos, o velho casarão de família:

Velho solar de meus antepassados,  
De grandes salas, longos corredores,  
Alcovas e salões mal assombrados,  
De meus encantos e de meus temores.

EDUARDO LUIS GOMES veio de Cabo Frio, de "Heróicas Raízes" praianas, pois este é o título do soneto, cuja quadra nos serviu:

Subterrâneas, firmes, silenciosas,  
Marcando por instinto as diretrizes,  
Vão seguindo o destino, caprichosas,  
Animas e pobres as raízes.

TULIO RODRIGUES PERLINGEIRO, de Miracema, autor de vários livros e primoroso trovador nos apresenta esta jóia:

Deus fez a terra, as estrelas,  
Fêz a rosa, fêz o cravo,  
Nunca li que Deus fizesse  
Um homem livre outro escravo.

Poetas deputados são inúmeros na Assembleia fluminense. Veremos dois — RAUL DE OLIVEIRA RODRIGUES, nascido em Saqueta

reina e ARTUR DALMASSO, que surgiu, por acaso em Grenoble, na França, mas vive e conquista seu eleitorado em Teresópolis.

De ARTUR DALMASSO teremos:

Não. Vocês não compreendem,  
Pois se compreendessem  
Não duraria o Natal,  
Somente um dia

Por outro lado, é de RAUL DE OLIVEIRA RODRIGUES "Essa Paisagem":

No horizonte distante, interminável,  
Que se alonga ao redor dos verdes campos,  
É sempre coisa boa e agradável  
Contemplar os pequenos pirilampos

Nascidos em Niterói teremos inúmeros poetas como ENIO QUINTANILHA Sanches, Lia Ariosa Castanheira, Liad de Almeida, Maria da Conceição Pires de Melo, que assina Manita, Maria Auxiliadora Sodré Gama, Pedro Paulo Gavazzoni Silva, Sávio Soares de Sousa, Torquata de Araújo Souto, Vilmar de Abreu Lassance e tantos outros, agora os guanabarinós que lá residem como Marcus de Moraes, Gomes Filho, o capixaba Eduardo de Carvalho, a piauiense Ana Maria Cruz Ramos da Costa, o paranaense Abelard Pereira Gomes, o gaúcho Hugo Silva e os pernambucanos Mário Barreto França e Antônio Siqueira.

O capixaba EDUARDO DE CARVALHO tem um pouco de Augusto dos Anjos, quando escreve:

Numa vida anterior, da pré-história  
Devo ter sido um tóxico vegetal  
Cérne reverso, rigidez corpórea,  
Copa verde de aspecto desigual

De PEDRO PAULO GAVAZZONI FILHO niteroiense da gema, mas que o próprio nome indica um pouco de sangue italiano, lemos o Soneto Ao Instante em rue

Nada mais impossível do que agora  
Impedir que esta sombra me visite,  
Na sala em que redijo meu convite  
A imagem que me falta e que demora

De VILMAR DE ABREU LASSANCE temos a quadra do soneto Nosso Leito

Quando voltei, meu quarto achei vazio....  
O leito em que te amara, inda desfeito,  
Guardava as formas do teu corpo esguio,  
Esse teu corpo lívido e perfeito.

Trovadoras eméritas são as duas Marias — a MARIA AUXILIADORA SODRÉ GAMA e a MANITA, cujo nome real é MARIA DA CONCEIÇÃO PIRES DE MELO. Da primeira temos

Se o meu amor foi pecado,  
Senhor, confesso, pequei!  
Meu crime foi ter amado  
E viver o que sinhei....

Por outro lado veremos as trovas de MANITA

Poemas, fôlha, ao vento,  
Que o próprio vento espalhou;  
Retalhos do pensamento  
Buscando alguém que se amou!